

O Reencontro

© 2016 Silvana Freire Rodrigues

O Reencontro

Silvana Freire Rodrigues

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 — Vila Teixeira
Marques
CEP 13485-150 — Limeira-SP
Fone: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos
autorais, é proibida a reprodução total ou parcial,
de qualquer forma ou por qualquer meio —
eletrônico ou mecânico, inclusive por processos
xerográficos, de fotocópia e de gravação —, sem
permissão, por escrito, do editor.

Revisão: Sueli Araújo
Projeto gráfico: Sérgio F. Carvalho
Imagem da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-371-6
1ª EDIÇÃO — 2016

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 — CEP 13485-150
Fone/Fax: 19 3451-5440 — Limeira — SP
conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Rodrigues, Silvana Freire
O Reencontro / Silvana Freire Rodrigues — Limeira,
SP : Editora do Conhecimento, 2016.
454 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-7618-371-6

1. Romance 2. Doutrina espírita I. Título.

16- CDD — 133.9

Índices para catálogos sistemático:

1. Espiritismo

Suzana Freire Rodrigues

O Reencontro

1ª edição
2016



Tua individualidade é permanente.
Teu corpo é perdurável.
Não és repelida pela terra nem pelo céu.
Porque tua face é iluminada pelo Grande Pai.
Porque tua alma vive em comunhão com a Divindade.
Porque teu corpo respira na energia do Sempre Eterno, e respira eternamente.
Porque é dirigido para ti o sopro da vida e teus olhos contemplam os raios do Universo solar.
A alma cósmica universal te fortifica o fluido vital e o domínio de ti mesma.
A tua cura tem um perfume tão agradável como o é a dos grandes eleitos da Terra.
És uma alma eterna, teu coração é teu, jamais voltará a ser separado de ti.
Teus olhos são teus e todos os dias de tua vida se abrirão. (evocação egípcia)

Sumário

Apresentação.....	9
Primeira Parte – A Sombra	13
Segunda Parte – Lorraine.....	69
Terceira Parte – O Comprometimento.....	281
Quarta Parte – A Providência.....	387

Apresentação

O tema abordado nestas singelas páginas talvez não seja exatamente o favorito para despertar a atenção dos leitores habituados a leves entretenimentos ou a dramas romanescos, galantes, com finais felizes. O conteúdo de suas **páginas se expressa** por meio de uma proposta de seriedade e comprometimento espiritual, sugerindo ao leitor consciente um questionamento incômodo sobre a existência de sua sanidade mental, analisando sua convicção pessoal de possuí-la e de como se encaixa em suas crises existenciais.

Baseada nessa convicção, o livro foi desenvolvido sob três faces distintas: a que envolve a causa primária do impasse abordado a partir do quinto capítulo, a da consequência dolorosa e inevitável dessa causa primária e a solução sábia e adequada para eliminá-la definitivamente. Duas delas transcorrem na esfera do imponderável aos cinco sentidos físicos e aquela mais longa e detalhada é vivenciada no plano corpóreo, em que todos nos situamos quando de posse de um maquinário carnal.

Para tentar refletir uma situação incomum em nossa vida de pessoas normais, precisei recapitular na memória, ainda viva, meus tempos de infância, quando então ouvia de meus pais repetidos diálogos sobre uma tia falecida há muito, vitimada na época por complexa e intrincada enfermidade mental. Com os olhos infantis arregalados e toda concentração, eu acompanhava a descrição que dela faziam, quando, em certos momentos, era assaltada subitamente por intensas crises psicóticas, o que obrigava constantemente os membros masculinos de sua família – o esposo e seus dois filhos adultos – a imobilizá-la severamente, pois era investida, durante aqueles momentos, de fúria

desenfreada e força hercúlea, selvagem, descomunal.

Os três homens, quando finalmente conseguiam subjugar-lá, ofegantes e exauridos sentavam-se ao seu redor, contemplando-a desfalecida, incapazes de compreender o que se sucedia com a querida matriarca da família, que, em seu natural, era meiga e serviçal e, naquelas horas tormentosas, transformava-se em um demônio infernal, irreconhecível e apavorante.

Anos mais tarde, já adolescente, foi-me oportunizada, certa vez, uma visita ao único manicômio que havia em minha cidade, como acompanhante de uma prima distante que pretendia rever um interno, seu parente próximo.

Foi nesse local constrangedor, mórbido, que, pela primeira vez, deparei-me com alguns dos quadros mais desoladores de miséria física que podem ser vivenciados por um ser humano. Os internos, seres desmemoriados, perdidos dentro de si mesmos, expressavam um brilho perigoso, irracional no olhar, a refletir uma força íntima primitiva, rude, duramente represada, porém prestes a se romper ao menor descuido.

Muitos eram ainda jovens, como eu o era naqueles dias, e lamentavelmente retratavam uma existência triste, imersa no mais profundo estado de alienação, sendo vítimas de constantes e furiosas crises psicóticas.

Naquela edificação acinzentada e ampla não havia espaço para esperança nem alegria pelos dias futuros. Ali o tempo congelara, sendo povoado, apenas, por constantes gritos desvairados e alucinações logo contidas à força por drogas medicamentosas. A única certeza que restava a todos era de que o dia de hoje seria igual ao de ontem e o mesmo de amanhã.

Ao sairmos para a rua quente e ensolarada, gravei para sempre em minha alma aquelas imagens de caricaturas retorcidas, com esgares animais, grunhidos grotescos, vestidas em enormes camisolões brancos hospitalares, a deslizar pelos longos corredores escuros sem rumo certo.

Alheia ao movimento a meu redor, refletia sobre a chocante e injusta realidade daqueles destinos condenados, constituídos apenas por psiquismos enfermos e perturbadores em estarrecido contraste com o brilhante e sadio universo dos seres considerados normais.

Muitos anos depois, ao abordar esse tema instigante, porém controverso, tentei colocar-me na posição daquelas existências infelizes, vivenciando em meu íntimo suas emoções e reações alucinadas e considerei o que sentiria se me visse eternamente encerrada naquelas paredes sombrias. Revesti as minhas palavras de todo o sentimento e emoção de que fui capaz, para reavivar o breve tempo daquela marcante visita. Descrevi lugares e situações como se houvera passado por elas, vesti a pele da protagonista, personificando toda a angústia e o desespero de quem se sente constantemente perseguido por uma irrealdade que está além de sua compreensão.

Procurei caracterizá-la com a máxima fidelidade que minha imaginação impressionada conseguiu reproduzir e descrevi com todo realismo e imparcialidade a posição de seus familiares e amigos ante a impossibilidade de livrá-la de seu implacável e inconcebível sofrimento. A esperança que aquecia seus corações em sua cura, na tentativa de salvá-la das garras de um confinamento irremediável, os levará seguramente a um desfecho comum, que julguei mais lógico e perfeito para sua trágica desdita e que, acima de tudo, justificaria a fé e a esperança que todos devemos alimentar, incondicionalmente, na Justiça Divina, a qual jamais abandona à própria sorte as almas alienadas. Todas serão conduzidas seguramente, no momento oportuno, por mãos bondosas e altruístas à saída de seu labirinto irracional e serão capazes de, por si mesmas, novamente abrirem a porta da razão e contemplarem o sol da liberdade.

Silvana Freire Rodrigues
Ponta Grossa, 10 de abril de 2014

Primeira parte
A sombra

Em uma próspera cidade, próxima a Paris, localizava-se majestoso castelo, remanescente da era dourada da história francesa, particularmente vinculado ao tempo do reinado de Luiz XIV, o excêntrico, cognominado Rei Sol.

A edificação principesca era composta por várias dependências ornamentadas por altas janelas envidraçadas resguardadas por cortinas de cetim claras e esvoaçantes, que deixavam entrever, ao observador externo, diversos cômodos suntuosos, com paredes revestidas de raríssimas tapeçarias antigas e telas originais de artistas renomados da época. Todos os ambientes internos eram atapetados, alguns introduzindo escadarias longas e marmóreas e originais lustres de cristal que refletiam a luminosidade do sol ou da lua em seus pingentes elaborados e translúcidos, sempre a tilintar ao sabor de qualquer brisa fugaz.

Seu perímetro extenso localizava-se ao centro de um amplo parque esverdeado, onde despontavam caramanchões e alamedas floridas românticas e aconchegantes, demarcadas cada uma por esculturas clássicas a reproduzirem os mais diversos deuses gregos, ninfas e querubins. No terreno ao fundo, a certa distância, localizava-se outra edificação, pequena e funcional, que abrigava em exposição nobres carruagens principescas, ferramentas e equipamentos de equitação utilizados na época. Um original chafariz artístico construído próximo à entrada principal complementava a fachada inesquecível.

O restante da área era atapetado com seivosa relva e com árvores elevadas e antigas a oferecerem constante sombra e brisa refrescante. Esse cenário entre o barroco e o rococó, incon-

fundível, foi retratado com maestria por Fragonard e Watteau, que o eternizaram na memória artística universal.

O castelo único e inesquecível fora transformado, no século atual, em museu e incluído há alguns anos no roteiro turístico oficial francês.

Diariamente, era visitado por pessoas que vinham de todas as partes do planeta atraídos por seu fascínio, sua beleza e seus ambientes romanescos. Além de grupos heterogêneos representados por associações recreativas e beneficentes e, por vezes, religiosas, era visitado por grupos de estudantes pertencentes a diversas instituições pedagógicas francesas, que, conduzidos por seus mestres, conferiam em suas dependências os fatos marcantes revelados por historiadores em diversos livros didáticos.

A grande maioria de visitantes que cruzavam curiosos a sua entrada pela primeira vez não conseguia furta-se à impressão de serem irresistivelmente arrebatados por sua atmosfera aristocrática e principesca, onde ainda vibravam os registros acásicos de interessantes eventos monárquicos da época, centralizados essencialmente na figura de seus Luízes, sempre cercados de pompa e circunstância. Cada um deles imprimiu no cenário nobre do castelo sua personalidade original, muitas vezes extravagante, despótica, até mesmo infantil, porém caracterizando com sua presença séculos vibrantes e coloridos, que há muito desapareceram nas areias do tempo.

Naquela noite, excepcionalmente sem luar, os portões do museu estavam cerrados. Tudo estava em silêncio e apenas o pio agourento das corujas soava lúgubre na paisagem. Salas, corredores e escadarias do castelo estavam imersos em penumbra, desertos, sem visitantes ou funcionários. Apenas uma guarita situada próximo aos grandes portões da entrada estava iluminada, enquanto os dois vigias, perto dela, conversavam entre si, expelindo eventualmente para o ar nuvens de fumaça azulada.

Eram três horas da madrugada. O ar estático sem brisa alguma rodeava o castelo, envolvendo-o soturnamente. Naquela noite, não se ouviam nem mesmo os habituais latidos dos cães vadios que circulavam pelas ruas.

Um dos vigias esquadrinhava distraído um ângulo do museu, o qual lhe parecia, naquele momento, estranhamente en-

quadrado em uma paisagem desconhecida, meio nevoenta. Desviava o olhar por alguns segundos, mas logo voltava a fixá-lo intrigado. Guardava para si essa impressão desconcertante, não desejando interromper o diálogo descontraído com o companheiro, que, empolgado, finalizava uma anedota inédita.

Passado um quarto de hora, o uivo de um súbito e forte vento frio começou a sibilar pelos ares, varrendo o solo dos jardins bem cuidados, onde as folhas e os galhos secos que caíam das árvores vergadas eram levados de roldão para todas as direções. O canteiro com flores coloridas, situado bem no centro do jardim principal, também se curvava, vencido, incapaz de resistir à força subjugadora da natureza.

O céu logo se cobriu de nuvens pesadas e breves relâmpagos começaram a riscar rapidamente a paisagem, iluminando, qual *flash*, as escadarias de frente ao castelo e o semblante petrificado das ninfas seminuas que adornavam a alameda da entrada. Com o estrondo dos trovões, a chuva irrompeu inclemente, umedecendo rapidamente o passeio em frente aos grandes portões do museu. A rua, deserta, não registrava a passagem de qualquer transeunte naquele momento.

Com o vento frio e cortante a fustigar-lhe a face, o vigia, que não conseguia vencer a sensação de isolamento e estranheza de que se via possuído, encolheu-se com o ar gélido que o trespassava e, interrompendo a infundável tagarelice do outro, tocou-lhe a manga do agasalho, convidando-o finalmente a se recolherem. A porta da pequena guarita se fechou e os dois vigias entraram em seu interior.

Subitamente, gargalhadas estridentes se propagaram pelos ares. A chuva, intensificada, fazia com que o som de vozes indistintas ficasse entrecortado, inaudível. Pareciam vir de algum ponto do castelo, mas, aparentemente, nada atestava a presença de um ser humano naqueles recintos desertos.

Porém, as gargalhadas continuavam e, logo a seguir, foram complementadas por gritos, uivos, imprecações e algazarras, entremeadas por palavões, deboches e chistes vulgares.

O som continuava abafado, como se viesse de muito longe. As vozes alteradas continuavam a ecoar por toda a imensidão da propriedade.

Em um cômodo sem janela, localizado no subsolo do castelo, e por detrás dele, surge uma claridade bruxuleante e avermelhada, imperceptível aos olhares dos vigias atentos. De seu interior provinham a algazarra e o vozerio ininterrupto.

Em seu centro havia uma mesa tosca de madeira com alguns bancos rústicos; as paredes estavam repletas de prateleiras cheias de utensílios arcaicos de cozinha. Ao fundo do aposento havia uma parede sólida, decorada com pedras envernizadas, impondo ao ambiente uma estranha e forçada divisão, meio deslocada em relação aos outros cômodos. Aquela parede deixava perceber que fora realizada ali, há muito tempo, uma reforma um tanto malfeita, talvez para ocultar ou disfarçar outro cômodo, tornando-o inacessível.

No outro lado da mesa, a um canto escuro, uma escada estreita de madeira subia para o pavimento superior, encontrando, em seu topo, uma porta de carvalho envelhecida. Lá de cima da escada vinha uma corrente de ar gélida e constante, que se misturava ao calor do ambiente térreo.

Esse local estranho e primitivo, inserido nas profundezas daquele castelo antigo, destoava francamente do restante do conjunto e parecia mesmo nem pertencer a ele em sua constituição atual. Mas o ambiente depravado, permissivo e deletério estava configurado entre suas quatro paredes naquele momento e refletia-se tão real quanto seus personagens destemperados.

Alguns deles estavam sentados ao redor da mesa, calados, com uma espécie de caneca de barro nas mãos, que continha um líquido escuro e fumegante.

Outros se agrediam mutuamente, por meio de expressões vulgares, grosseiras e desrespeitosas, e, vez ou outra, chegavam à agressão física selvagem, atracando-se como feras no chão imundo, na tentativa de dominação bruta e animalizada. Todos se entrelaçavam por sutis laços fluídicos de afinidade moral, como comparsas em odioso propósito, assemelhando-se a uma irmandade sombria e malévola, composta de oito membros corpulentos e desagradáveis, vestindo indumentárias escuras e rotas, algumas até esfarrapadas, de onde despontava uma viscosidade esverdeada repugnante. Havia sempre a pairar, entre eles, imperceptível névoa azulada e o ar estagnado, asfixiante e

infecto do aposento era envolvido pelas paredes enegrecidas e ressequidas, que exalavam um odor acre de fumaça.

No solo, ao lado da mesa, jaziam vestígios de um líquido de cor rubra, já seco, que se misturavam a restos de sujeira e detritos apodrecidos. Por vezes, despontava, acima de suas cabeças, uma baça claridade avermelhada, que variava de tonalidade em concomitância com a qualidade de seus pensamentos. Essa claridade incomum era pintalgada por espécies de pequenas larvas arroxeadas, que desapareciam e reapareciam, numa espécie de materialização mórbida interminável. Todos os membros ali reunidos eram circulados individualmente por estranha nebulosidade ovoide, cujo aspecto inconsistente e sutil apresentava os mais diversos matizes. Oleosas ou densas refletiam em seu conjunto cores escuras e pardas que se interpolavam continuamente. Em algumas predominavam tons de vermelho-sangue rutilante até escarlata escurecido, envoltos em uma espécie de onda magnética deteriorada e animalizada.

No recôndito de suas almas revolviam-se paixões fortes e descontroladas, que eram involuntariamente mostradas através de seus semblantes encovados, amarelecidos e caricatos, cujos trejeitos fisionômicos revelavam toda a pusilanimidade de que eram portadores, aliada a perfídia, crueldade, desejos torpes e sórdidos que cultivavam com prazer. Eram, portanto, criaturas diabólicas, cruéis e fesceninas, sempre sedentas de sensações inferiores.

Envolviam-nos, em conjunto, ondas hipnóticas de desregramento, licenciosidade e luxúria, incitando-os aos maiores desatinos e desequilíbrios. Porém, apesar de ostentarem comportamento brutal, insensível, havia entre eles uma coesão psíquica imperceptível, que atestava estarem atados para a realização de um objetivo comum.

Subitamente, a algazarra cessou. Todos identificaram imediatamente no recinto a presença de um fluido extremamente nocivo e agressivo, envolvido por intensas ondas magnéticas de ferocidade e crueldade. A energia intensa que se abateu sobre todos rapidamente os fez se calarem.

Logo, penetrou no aposento um estranho e assustador personagem, que, por si só, impunha-se fortemente aos demais.

Era alto, encorpado, com aparência bestial e repulsiva. A pele, totalmente deformada, como se queimada, fazia-o parecer um monstro. A boca, repuxada em um esgar cínico constante, aliada ao brilho metálico e cruel dos olhos escuros e vítreos, dava-lhe um aspecto horrendo. Seus cabelos eriçados apresentavam cor ruiva afogueada. Portava um traje muito antigo, desbotado, sujo e puído nos punhos e na gola, manchado na frente por uma substância pegajosa e de mau aspecto. A roupa revelava, a uma observação mais detalhada, apurada distinção, de onde se presumia ter sido magnífica em sua configuração original.

Emanava daquela figura uma irradiação pesadíssima e ignóbil, que fez com que todos se encolhessem à sua entrada, entre respeitosos e atemorizados. Às vezes, ele tocava a própria face e a comprimia, como se algo o incomodasse, ou passava as mãos pelos cabelos, puxando-os com força para cima. No silêncio sepulcral que se estabeleceu ao redor da mesa, em antítese à balbúrdia anterior, a figura sinistra fixou por alguns instantes todas as fisionomias desfiguradas que ali estavam. O olhar frio, calculista e cruel avaliou cada uma em particular, fazendo com que o grupo inconsequente, ante seu exame implacável, permanecesse estático e coeso.

Finalmente, após rápida análise psicológica do caráter e temperamento de cada um dos elementos do grupo, deu-se por satisfeito. Sentou-se junto a eles à cabeceira da mesa e, após breve pausa, que ninguém ousava interromper, mirou, faiscante, a parede de pedras à sua frente. Com olhar enigmático, feroz, voltou a fixar os semblantes encovados que o encaravam em suspense. Ao falar, sua voz grave e profunda vibrou no ambiente como um ronco aterrador.

– Hoje, inicia-se, efetivamente, nosso trabalho, aquele para o qual estamos nos preparando há tempos. Todos nós estamos comprometidos com o mesmo propósito e não admitirei, em hipótese alguma, hesitação ou arrependimento depois de iniciado. Sabemos como proceder. Nada nos deterá e, conforme planejamos, iremos até as últimas consequências. Aquele que abriga receios ou dúvidas e não está suficientemente encorajado para continuar que se retire agora. É sua última chance.

Todos os presentes se entreolharam, em assentimento si-

nistro, sem indecisões, decididos a seguirem em frente. Após alguns segundos de silêncio consentido da estranha assembleia, a horrenda figura continuou:

– A partir deste momento, não há como recuar. Iniciaremos, imediatamente, as primeiras ofensivas, seguindo à risca o programa traçado anteriormente.

Um deles dirigiu-se à horrenda figura, interrogando-a cautelosamente:

– Não contamos, hoje, com a presença de Titânus?

– Não, hoje ele não virá! Sua presença aqui é desnecessária nessa fase do trabalho, uma vez que tudo já está acertado. Caso ocorra algum imprevisto, ele nos prestará sua sábia assistência, como sempre.

– Mas... Onde ele se encontra agora?

O dirigente olhou friamente para quem lhe dirigira a pergunta e, com voz impaciente, respondeu:

– Ele se encontra comprometido com outros trabalhos de grande vulto que requerem sua presença contínua. Sabemos o quanto ele é requisitado e, portanto, muito ocupado.

Após um silêncio complacente, outro membro da estranha confraria indagou:

– Mas... E se nos depararmos com resistências inesperadas?

O sombrio personagem fulminou-o com o olhar. Inflexível, retrucou categórico:

– Estamos preparados para tal. Ademais, tudo já foi exaustivamente preparado. Foram meses de observação, análises e acompanhamento da rotina diária familiar. Tudo foi previsto em todos os detalhes. Não haverá surpresas desta vez. O ambiente foi preparado com o devido equipamento e, com a cooperação de Titânus, desenvolvemos técnicas apuradas de como proceder com relação aos mais diversos contratemos. Lembrem-se de tudo o que estudamos com ele e de seus conselhos úteis. Não podemos falhar e não falharemos.

– Mas... E se eles recorrerem ao grupo de apoio?

– Impossível. Foram efetuadas pesquisas minuciosas pelos nossos técnicos mais experimentados em extensa área onde se localiza a edificação, que foi detalhadamente monitorada no sentido de se descobrir qualquer foco de resistência ou canais

de saída que possam minar e inviabilizar nossa estratégia. Além de tudo, podemos contar com a extrema fragilidade religiosa da família, principalmente de seu líder, que, vulnerável, oscila sempre entre dois extremos. Não contam, pois, com ligações lúcidas e experientes que lhes propiciem um aconselhamento perigoso e infalível nem com uma bagagem sólida de conhecimentos nessa área para descobrirem, por si sós, o caminho certo da libertação. Mas, se porventura o inesperado surgir em nosso caminho, saberemos como remover o obstáculo. Não creio que precisemos nos preocupar. Tudo já foi previsto.

– Mas... E na hipótese de surgir um enviado especial? – insiste um dos presentes, ainda não totalmente convencido da eficácia do tentame.

Pela primeira vez, o bestial dirigente esboçou um sorriso cínico e descrente.

– Não há a menor possibilidade de acontecer tal fato. Os emissários especiais são raros, quase inexistentes, no contexto onde vamos operar. E já me certifiquei: com segurança, não há nenhum, em absoluto, que eventualmente possa socorrê-la a tempo.

– Mas e se...

– Estou certo de que obteremos êxito incontestável nesta missão – declarou o dirigente categórico, não oferecendo mais abertura para outras perguntas.

Os confrades entreolharam-se confiantes.

– Após o término, o local estará preparado para recebê-la?

A pergunta fora formulada por um dos elementos, talvez o mais soturno e desagradável de todos.

– Com toda certeza.

A última frase foi dita em voz baixa, com entonação de ódio implacável. O grupo, agora mais solto, começou a gargalhar, espelhando em suas caricaturas expressões de cinismo medonho. Os olhos do temível dirigente se tornavam dilatados, à medida que ele repassava com os demais o desenvolvimento do tenebroso plano. Todos pareciam familiarizados com os procedimentos iniciais e a cumplicidade entre o grupo era flagrante. Pela necessidade mútua e coercitiva de retribuírem favores semelhantes recebidos do dirigente, todos procuravam se inteirar

de suas funções, pretendendo desempenhá-las a contento.

Depois de algumas horas de reunião, em que todos, mais uma vez, foram advertidos sobre os últimos detalhes a considerar e o local para o qual se dirigiriam, eles se dispersaram rapidamente, ficando apenas um na cabeceira da mesa, a observar a parede de pedra, com um riso escarninho revelando na face uma expressão de cruel determinação. Após alguns minutos, quando finalmente se afastou do recinto devastado pela algazarra e balbúrdia anterior e enxovalhado por detritos repugnantes, o dia amanhecia escuro e chuvoso, envolvido em maus augúrios.

Capítulo | 2

Na pequena aldeia, no ilhéu de Jaco, em Timor-Leste, eram cinco horas da manhã. Uma leve cerração pairava sobre os humildes casebres, constituídos, em sua maioria, por uma cobertura de palha envelhecida. O corredor principal entre eles naquele momento estava deserto; todos os moradores repousavam em esteiras estendidas no solo. O silêncio era total, só interrompido, de vez em quando, por breve grunhido de alguma ave noturna.

O local era inóspito e isolado. O pequeno povoamento localizava-se em um dos muitos pontos íngremes da ilha. Construído sem infraestrutura adequada e sem respaldo financeiro por parte das autoridades oficiais, seus habitantes viviam em condições precárias, tentando duramente sobreviver dos poucos recursos oriundos do plantio artesanal nas terras que havia ao redor ou em atividades de pesca e caça.

Acima do pequeno povoado, em uma elevação, localizava-se um casarão de madeira, rodeado por ampla varanda onde havia alguns toscos bancos, cuja pintura clara estava desbotada. Os cômodos apresentavam janelas improvisadas recobertas com pedaços de lona escura e, em seu interior, a rusticidade era habitual, espelhada em poucos móveis domésticos, todos confeccionados manualmente em madeira bruta, sem verniz, perfazendo um conjunto homogêneo com o piso recoberto por saibro virgem e espesso. Ao ar rarefeito que circulava em seu interior, a brisa constante trazia um odor de pinho e vegetação agreste.

A edificação humilde parecia uma miscelânea de hospital com educandário e, à primeira vista, não se poderia discernir com certeza qual função prevalecia. Em todos os seus detalhes

transparecia singular despreocupação com luxo e conforto e a ausência de engenhos modernos e eficientes emprestava ao ambiente um toque de tristeza e abandono. Aliado ao empobrecido aldeamento mais abaixo, parecia situado em um lugar estagnado no tempo e olvidado pelas leis naturais de evolução do Universo.

Por detrás dele, a regular distância, localizava-se pequena depressão, onde despontava uma mata cerrada, verde e exuberante. Observando-a atentamente, percebia-se, entre as árvores, um tênue carreiro que deveria conduzir a seu cerrado interior. No horizonte, ao longe, havia um antiquíssimo e elevado vulcão, extinto há muito tempo, com a cratera exposta e dominando inteiramente a paisagem.

Naquele horário matutino, em um de seus cômodos um candeeiro com uma vela gasta iluminava uma escrivaninha antiga, no estilo lusitano, toda esfolada. Sentado a ela estava acomodado interessante personagem, vestido com um agasalho descolorado e um sobretudo simples, de cor branca, desgastado e puído nas mangas.

Porém, a fisionomia clareada pela luz bruxuleante da vela revelava uma personalidade invulgar, dotada de grande intelectualidade e mesclada de profunda bondade. A face, belíssima, lembrava figuras mitológicas gregas, devido à perfeição das linhas. O personagem era alourado, cabelos um pouco encaracolados e, ao fixar um livro que estava à sua frente, deixava perceber uma luz brilhante em seus olhos azuis-claros. A plasticidade física de que era dotado era impressionante e, ali, concentrado na luz vacilante da vela tênue, parecia quase irreal. Suas mãos, bem feitas, eram grandes e fortes, assinaladas talvez pelo uso constante em algum tipo de trabalho manual, extenuante. De estatura alta, talvez com o peso abaixo do normal, deixava entrever, pela expressão da face e pronunciadas olheiras, o hábito por vigílias noturnas, utilizadas para estudos e consultas complexas, que lhe exigiam extenuante desdobramento mental e concentração. Naquele horário, mantinha-se totalmente alheio aos membros da coletividade que o rodeava.

Tratava-se do médico cirurgião Alexandre Sandrino, enviado há dois anos para se ocupar do tratamento médico e saneamento básico do vilarejo de Niang, ao sul da ilha de Jaco,

situada no arquipélago malaio e enquadrada no território de Timor Leste.

Formado pela Universidade de Oxford em clínica geral, Dr. Sandrino, logo após a cerimônia de imposição de grau, cadastrou-se como voluntário na Cruz Vermelha, para prestar seus serviços e assistência a alguma comunidade carente que deles necessitasse. Por intermédio da Organização das Nações Unidas (ONU), fora direcionado a ocupar o cargo de médico chefe nesse aldeamento.

Nessa época, havia cessado o terrível período de dominação das tropas indonésias, que, durante 25 anos, tinham imposto à região seu domínio despótico e brutal. Timor-Leste, ao tentar se libertar das garras desse império cruel, foi violentamente reprimido e massacrado. Somente após muitos anos de resistência inquebrantável os timorenses obtiveram finalmente o controle de seu território e a tão duramente conquistada independência os libertou do jugo estrangeiro.

O país consegue, atualmente, desfrutar de certo equilíbrio interno, mantendo uma paz relativa e controla, apesar da economia frágil e carente, porém com perspectivas de bom crescimento em poucos anos. Assim, Timor-Leste deixou de apresentar, em jornais, revistas e noticiários de redes de TV os quadros sangrentos e lamentáveis que impressionavam o mundo.

Naquela tarde chuvosa e úmida do mês de abril, ao descer do veículo da Cruz Vermelha, Alexandre deparou-se com um quadro comovente e desanimador. Toda a população do vilarejo espelhava, nas faces maceradas de sofrimento, sequelas dolorosas e estigmas impressionantes causados pelo longo conflito torturante. A aldeia estava parcialmente incendiada e saqueada. Havia mulheres violadas, bem como crianças e velhos vítimas de violência e crueldades hediondas, como mutilações, espancamento, tortura e morte. Algumas crianças, em seu semblante moreno, apresentavam marcas de inanição profunda, mas ainda assim conseguiam sorrir debilmente à sua passagem. Alexandre percebeu que, nas camadas do éter refletor cósmico que cercava a localidade, ainda vibravam, sutilmente, as cenas das batalhas cruentas e sanguinárias ali ocorridas e as atrocidades cometidas pelos cruéis indonésios.

Ao percorrer a aldeia junto a um nativo, Alexandre constatou que, no início de seu trabalho, seria o único facultativo para atender a toda aquela região. Visitou todos os casebres, conversou com todos os moradores e registrou, com atenção, as condições de vida da população e a impressionante miséria reinante. Deslocou-se, inclusive, para algumas aldeias vizinhas, que se encontravam na mesma condição de Niang. A sua conclusão, depois de tudo vistoriar, era a de que, além de um médico, aquela gente estava precisando de um educador e de um sacerdote, para atender às suas necessidades físicas, intelectuais e religiosas mais elementares.

Dotado de raciocínio poderoso e capacidade de análise mental superior, aliados a um forte poder de iniciativa, sem perda de tempo iniciou as primeiras providências, a fim de minorar as rudes condições de vida reinantes e amenizar as necessidades básicas dos moradores, principalmente crianças, que mal se sustentavam em pé, devido à fraqueza e desnutrição. O coração do jovem médico contraía-se ao olhar para aqueles pequeninos raquíticos e desamparados. Ministrou, imediatamente, os primeiros cuidados médicos aos muitos enfermos que jaziam, sem assistência, no fundo dos casebres.

Com o passar dos dias, observou que o principal meio de sobrevivência da aldeia era a agricultura, insuficiente para manutenção do povoado.

Acompanhado sempre de alguns nativos, reconstruiu rapidamente o velho casarão de madeira, que fora incendiado, e o modificou de forma a se constituir uma parte em hospital e outra em um pequeno educandário, adequado para as primeiras instruções básicas a jovens e crianças. Elaborou extensa lista de alimentos, medicamentos, instrumentos médicos, laboratoriais e material didático e a enviou aos órgãos responsáveis coligados à Cruz Vermelha. Com o suprimento solicitado, poderia, por algum tempo, dedicar-se totalmente à sua profissão, tentando erradicar enfermidades complexas que havia na aldeia, detectadas logo de início. Teria muitas atividades pela frente, sem dúvida, mas era justamente o que desejava. Abraçou-as imediatamente, com larga disposição e otimismo.

Os moradores da aldeia, por sua vez, logo à sua chegada,

observaram com atenção, fascinados, sua aparência clara e bem cuidada, diversa da população local. Algo em seu porte e na energia de seu olhar convenceu-os de sua autoridade médica e, naturalmente, passaram a lhe dispensar um tratamento especial, deferente, respeitoso, por vezes até mesmo servil. Tudo que Alexandre orientava era acatado imediatamente. Talvez, aqueles nativos, com sua intuição ainda rudimentar, embevecidos com a beleza fulgurante do jovem médico, tenham compreendido instintivamente que ali se encontrava um ser humano especial e que lhe deviam respeito e consideração.

Alexandre, assim, tornou-se o centro daquela comunidade. Administrava o pequeno hospital e, em algumas horas vespertinas, ministrava aos nativos conhecimentos gerais, bem como os introduzia nos primeiros rudimentos da língua e escrita portuguesas.

Na parte da manhã, atendia aos inúmeros casos clínicos que se lhe apresentavam, recrutando algumas nativas para o auxiliarem na pequena enfermaria improvisada e no tratamento dos pacientes com enfermidades mais complexas e prolongadas. Sua eficiência e seriedade logo conquistaram a confiança de todos. Aguardava, então, que lhe enviassem um colaborador para as lides diárias, mas sabia que durante seis meses desempenharia solitário todas as atividades do casarão.

Logo se habituou àquela vida simples e desprendida. Havia dias em que colaborava na reconstrução dos casebres, no plantio e na colheita agrícola, não se pejando de sujar as mãos na terra. Essa humildade impressionou os moradores do vilarejo e aumentou mais o respeito e a veneração que sentiam por ele.

Após três meses de sua chegada, estava consultando uma jovem timorense, quando uma mãe nativa entrou no consultório gesticulando, desesperada, devido ao desaparecimento de seu menino de três anos. A aldeia já estava em polvorosa, pois o pequeno não tinha sido localizado em lugar algum conhecido dos moradores. Havia no olhar da nativa um terror que evidenciava, principalmente, o receio de que algum indonésio ainda estivesse por perto e houvesse se apoderado da criança.

Alexandre olhou fixamente para a mulher desganhada à sua frente, lendo o seu pensamento mórbido. Fê-la sentar-se e acalmou-a. Pediu-lhe, em seguida, que lhe trouxesse qualquer

pertence do pequenino. Ela saiu e logo retornou trazendo pequena túnica desbotada. Ele a tomou nas mãos, sentou-se à mesa e fechou os olhos por alguns minutos. Ao abri-los, comunicou à mulher, que o aguardava ansiosa, que seu menino se encontrava na aldeia vizinha, Tuang, em um velho armazém, em companhia de uma senhora idosa. Ele fora encontrado em meio à estrada que ligava os dois povoados pelo proprietário do armazém, que transportava mercadorias, e, sem saber para onde encaminhá-lo, levava-o junto consigo para sua casa.

A mulher lhe sorriu mais calma e saiu em desabalada carreira porta afora. No dia seguinte, a mãe lhe trouxe o menino para que o cumprimentasse, e Alexandre, num gesto de amor e simpatia, com um leve sorriso, acariciou o semblante pálido da criança.

Houve outros episódios singulares como este, mas a maioria permanecia ignorada, pois Alexandre, muito discreto, não os alardeava, evitando se tornar alvo de excessivo misticismo ou reverência incômoda por parte da sofrida comunidade.

Com o passar dos meses, a população local foi se aproximando cada vez mais do velho casarão e o procurava no hospital não só para se consultar como também para lhe pedir conselhos, orientações para conflitos familiares, dramas amorosos, impasses monetários, colheitas e convicções religiosas. E foi assim que se formou, gradualmente, ao seu redor, um poderoso núcleo humano concentrado, todos dependentes de seu bom senso e equilíbrio. Alexandre assumiu naturalmente a função de conselheiro espiritual da comunidade, substituindo temporariamente o sacerdote designado, que viria dali a algum tempo.

Quando as pessoas o procuravam, ele as fixava diretamente nos olhos e as devassava totalmente, lendo até mesmo seus pensamentos mais íntimos. Aos seus sentidos parapsíquicos aguçados e desenvolvidos, desdobrava-se toda a vida pregressa e futura de seu consulente, tornando-se para ele completamente transparente. Sendo muito perspicaz, nada escapava de sua sutil e criteriosa observação. Com sua visão poderosa, logo identificava a raiz do problema que lhe apresentavam, e então os orientava sobre o melhor meio de solucioná-lo. O seu conselho era infalível e, alguns dias depois, o nativo retornava satisfeito à sua presença, presenteando-o com pequena dádiva humilde,

agradecido pela solução encontrada.

Ele atendia a todos, sem exceção, jamais se furtando a prestar assistência a quem o procurasse. Sua alma, essencialmente amorosa e boa, encontrava ressonância profunda na índole simples daquela população carente. Era um verdadeiro missionário, revestido da qualidade de um médico competente. Um sacerdote de alma e coração que não media esforços para conservar seu pequeno rebanho unido e confiante, arregimentado na fé pura em um Deus misericordioso e onipotente.

Havia, ao seu redor, uma vibração positiva tão poderosa, que bastava sua presença para acalmar os ânimos exaltados, renovar as esperanças combalidas, promover a alegria e bem-estar e recolocar tudo em seus devidos lugares. Sua autoridade moral era genuína e, dotado de energia inquebrantável, ele prosseguia com seu trabalho missionário numa labuta interminável.

Exatamente seis meses após a sua chegada ao povoado, enviaram-lhe um jovem médico, também recém-formado, e um sacerdote católico para auxiliá-lo nas lides do hospital e para fundar uma pequena igreja, a fim de iniciar a catequização de jovens e crianças. Para Alexandre, foi um bom auspício, pois dividiria a imensa responsabilidade que até o momento apoiava-se totalmente em seus ombros.

Engajou-se, junto aos moradores, no mutirão para construção do templo, que foi erguido no lado oposto ao casarão. O sacerdote, um senhor de meia-idade com larga experiência nas lides religiosas, ao conhecer Alexandre percebeu imediatamente sua complexa intelectualidade e superioridade moral, e o jovem formando, por sua vez, impressionou-se com sua competência e discernimento para solucionar os casos médicos mais espinhosos. Aqueles três homens, diversos em idade, cultura, experiências de vida e convicções pessoais, a partir dali seriam envolvidos por uma simpatia mútua que lhes traria muitas oportunidades de se entreterem em agradável palestra, trocando informações e experiências profissionais valiosas, bem como apoio moral, atuando em conjunto como pilares naturais daquela comunidade frágil, vacilante, que necessitava de mentes e braços fortes para bem conduzi-la e fortalecê-la.